

GRAMPO RESENHAS #7

—junho de 2016

Furiosa, de Ana Rüsche

[São Paulo: Edição da autora, 2016]

por Danilo Bueno

A poeta paulista Ana Rüsche (1979), ou Ana Erre ou, ainda, Ana R., como geralmente também assina – jogo de assinaturas que já daria o que pensar nesse trânsito de identidades e identificações – acaba de publicar *Furiosa* (2016), antologia que recorta dez anos de sua poesia, buscando, nesse desenho de obra poética que ora se perfaz, aquilo que julgou mais relevante nessa trajetória de atuações e publicações variadas, de viagens e participações em inúmeros eventos literários.

Numa deriva que passa por Angela Melim, Ledusha e Leila Mícolis – Ana sentiu a necessidade de buscar um ponto de definição para a sua obra-trajetória, ainda curta temporalmente – porém, muita agitada em andamentos e angulações. Se o espaço de dez anos pode parecer estreito para uma antologia, ela busca criar uma tensão temática que supera essa impressão inicial, como se achasse um novo livro em meio aos livros já publicados.

A edição, muito bem cuidada, com projeto gráfico de Bloco Gráfico, reúne poemas selecionados dos quatro livros da poeta: *Rasgada* (2005); *Sarabanda* (2007, 1ª edição, 2013, 2ª edição); *Nós que adoramos um documentário*

(2010) e *Inverno em um país tropical* (2015), esse último título parcialmente publicado no Facebook; todavia, inédito em livro. Essa iniciativa vem engrossar ainda mais uma tendência geracional de pensar o legado poético entre os 30 e os 40 anos, o que também ocorreu com Dirceu Villa, Fabiano Calixto, Fabrício Corsaletti e Tarso de Melo, um procedimento que parece ter pelo menos duas ideias relevantes: colocar em circulação edições artesanais e escassas, além de pensar a reescrita e a reordenação dos poemas de modo a produzir novas reverberações.

No caso de Ana, a reescrita e ordenação foram utilizadas de forma específica: a antologia é organizada do livro mais velho para o mais novo com a correção de pequenas gralhas. Essa estratégia faz pensar que a poeta estava interessada em deixar poemas mais próximos, criando, assim, nexos semânticos entre eles, em uma unidade performativa e temática, fazendo ressaltar o núcleo instigante da obra. No tocante à circulação, Ana há muito disponibiliza os PDFs daquilo que escreveu em seu site pessoal (<http://wordpress.anarusche.com/>), iniciativa absolutamente

política, dando o seu recado acerca de temas como leitor/leitura/mercado/distribuição.

Foi Paulo Ferraz, no prefácio da primeira edição de *Sarabanda*, em 2007, quem notou que: “Sua poesia pode ser tachada de qualquer coisa, menos de ser artesanato”. Se Ana vai numa espécie de contramão ao favorecer uma escrita menos diamantina, característica que uma geração anterior a dela largamente cultivou, isso contribui para uma poesia apegada à certa oralidade à *blague* e à discursividade, como se a tônica dos poemas estivesse relacionada ao tema, à “história” ou à “cena” desenvolvidas. Talvez por isso que Renata Corrêa, na quarta capa da antologia, tenha usado certo cinema como paralelo para referir essa poesia praticada por Ana “que diretores amariam filmar e roteiristas matariam para escrever”.

A antologia deixou mais visível a temática da posição da mulher diante dos enfrentamentos do mundo. Desde seu primeiro livro, Ana já apontava para uma escrita que está a meio do caminho entre a percepção política das relações femininas e um humor estranho, aturdido, que é crítico em sua dessacralização, como em “festa de j”: “primeiro o grampo de meus cabelos despencaram/ depois foi a vez das roupas, por fim eu própria me esponjava no chão”. Nesse poema, nota-se um movimento interessante que ecoa em outros versos da antologia: a intenção de desvestir a mulher de certos atributos de uma ordem social/moral antiquada e revelar uma nudez que, em sua atitude de oposição e refazimento, dá a ver uma mulher sem as inúmeras vestes das percepções estereotipadas do feminino, já que “grampos” e “roupas” funcionariam com a alienação dessa condição, até a sexualização do corpo rastejante em uma relação em que a denominação “j.” possibilita encobrir a identidade dos participantes. Essa sexualização reaparece na *blague*: “eu vou te pegar”:

“isso é um fato,/ o resto é futuro”, caracterizada por uma voz despachada, devoradora e decidida, suspendendo uma evolução de um eventual relacionamento, invertendo a ideia do “príncipe encantado” em troca de uma transa rápida.

Essa temática expande-se em *Sarabanda*, como em “homenagem”: “te faço// no banheiro/ rangendo o silêncio, entre ladrilhos”. Novamente a sexualização aparece de modo a demarcar o espaço feminino e seu poder de decisão e incisão, que se impõe afirmativamente. Outro passo: “entre máquinas de fliper/ sou putinha e muro velho/ na cidade alta de altares e/ na outra de caranguejos”, conforme o poema “recifes”, também de *Sarabanda*. A poeticidade dessa voz constrói-se a partir da percepção feminina, entre autoafirmação e certa dose de desmistificação no jogo de poderes entre os gêneros e uma visão estereotipada da mulher.

É claro que essa identidade feminina, como observado por Andréa Catrópa, pode ser falseada de modo a gerar um jogo de identificações que tentam diminuir a projeção de um feminino afirmativo e totalizador, conforme o prefácio para a 2ª edição de *Sarabanda*:

Clichês da mulher contemporânea, da mulher autossuficiente, da mulher carente, da mulher quente batidos no liquidificador. E o resultado nunca é homogêneo, ralo, mas uma mistura indigesta, chamando a atenção para um erotismo até hoje meio sem lugar na poesia brasileira.

Por esse olhar da prefaciadora pode-se imaginar também uma perspectiva feminina crítica e que se questiona, ou melhor, que se redimensiona. Se a identidade sexual e genérica não se resolve no eixo binário entre feminino/masculino, porém em um amplo segmento de construção cultural muito mais complexo e menos maniqueísta, pode-se imaginar que não existe “um feminino”,

uma representação, simbólica ou não, da subjetividade feminina. Essa multiplicação do feminino na obra de Ana precisaria ser verificado em um estudo de maior fôlego, até mesmo porque as noções de enfrentamento e ironia parecem estar tão presentes quanto o erotismo proposto pela leitura de Catrópa.

Por outro lado, o ativismo de primeira hora, que fatalmente marca as reivindicações culturais, femininas ou não, tem a importância de alertar e de pontuar o debate. Duas questões que podem ser colocadas a médio prazo: após o momento afirmativo dessa poesia de corte feminista, para onde ele irá? Por exemplo, o que aconteceu, poética e estilisticamente, com as poetisas feministas americanas dos anos 1970? Para onde foram os seus temas e seus enfrentamentos? Para responder a essas perguntas, amplas, porém vitais para a expansão desta poesia, seria necessário compreender mais a fundo a problemática de gêneros e identidades, cuja discussão ainda dá seus primeiros passos no contexto brasileiro.

Por tudo isso deve-se imaginar então que se trata de uma poesia que fala sobre relações de poder. Talvez essa percepção final costure o título: *Furiosa*, meio do caminho entre substantivo próprio e adjetivo, além de ser, coincidência ou não, parte do nome da personagem feminista vivida por Charlize Theron no *remake* de *Mad Max: Imperatriz Furiosa*, personagem pronta a chacoalhar a ordem preestabelecida:

a porra da pena é minha
é de lua, é de sangue
meus rostos minha regra
um borrão de sol
delineia minha sina

Maio/Junho 2016